



EDUCAÇÃO AMBIENTAL INCLUSIVA NA ESCOLA: LIMITES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Rosemere Dantas Barbosa Nascimento
Carlos Antônio Camilo dos Santos
Francilene Francisca de Andrade
Lúcia de Fátima Farias da Silva

Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP- rosemeredbn@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP- carlos-89-@live.com

Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP- lenarufino123@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – PPGFP- luciafariasgente@yahoo.com.br

Resumo

Analisando historicamente a humanidade, percebemos que ela não tem cuidado bem do planeta, nem dos seres que nele vivem. Isso, porque a interação entre os seres humanos e o meio ambiente excedeu a questão da simples sobrevivência. A sociedade atual exige que os indivíduos possuam um conhecimento que lhes atribua a capacidade de se posicionarem de forma crítica, em relação a uma diversidade de questões que exigem conhecimento científico. Assim, a escola é considerada um meio de propagação de conhecimento, agregando a esta à tarefa de proporcionar situações de aprendizagem, a partir da Educação Ambiental (EA), em que os estudantes, reflitam e percebam que preservar o meio ambiente é uma condição necessária e urgente se quisermos continuar a viver neste planeta. A inclusão de pessoas com deficiência, em atividades de EA é, portanto, uma ação que contribui para a socialização dessas pessoas e para a formação de um indivíduo com valores sociais, conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas para a consciência do ambiente em que vivem. Neste sentido, o presente trabalho apresenta uma proposta de Unidade Didática desenvolvida no Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, no qual buscou-se responder à questão: Como desenvolver atividades escolares de educação ambiental com estudantes surdos? O projeto em questão tem como objetivo promover a participação individual e coletiva em prol do fortalecimento da consciência crítica sobre a dimensão socioambiental nos estudantes surdos, considerando o tema *Aedes aegypti* – vamos combater. Deste modo, foi planejado e executado atividades de educação ambiental no âmbito escolar com uma metodologia voltada ao atendimento das necessidades especiais dos estudantes surdos, buscando estimular a mobilização social e política, na busca por uma consciência crítica e reflexiva dos estudantes envolvidos sobre a dimensão socioambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental; Ensino escolar; Inclusão; Estudantes surdos.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração o esforço rumo a uma sociedade inclusiva e a essência do desenvolvimento social sustentável, ver-se a partir destas questões o interesse em trabalhar as questões ecológicas, incluindo o público com necessidades especiais, perfazendo deste modo, uma reflexão sobre sensibilização e o sentido mais íntimo de educação ambiental.



Dentre os objetivos tratados na Carta de Belgrado (1975), vemos que a Educação Ambiental (EA) é o tipo de temática transversal e inclusiva, seja social ou escolar que objetiva realmente formar o cidadão para ações futuras, pois todos nós habitantes do planeta Terra, somos constantemente responsáveis por parcelas de sua degradação.

Os documentos oficiais brasileiros, desde 1997, trazem a temática ambiental, sendo de caráter obrigatório no ensino escolar formal, introduzido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) sob a forma de tema transversal.

De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental, a Lei nº 9795/1999, em seu Art.1º,

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, diz em seu Art. 2º que:

A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.

Percebendo a condição dos estudantes surdos em sala de aula, a segregação da sua língua e cultura como uma questão ambiental, social e cultural a ser trabalhada pela EA, entendendo a princípio o papel do professor na organização de situações didáticas que favoreçam a aprendizagem dos alunos, em especial, dos estudantes surdos, foi planejada uma Unidade Didática que é apresentada no presente pôster. Considerando, a questão sobre como desenvolver atividades escolares de educação ambiental com estudantes surdos, esta unidade didática foi elaborada para ser implementada mediante os componentes curriculares de ciências e geografia, numa turma de estudantes do ensino fundamental, em uma escola pública estadual, com o objetivo de promover a participação individual e coletiva na busca pelo fortalecimento de uma consciência crítica e reflexiva sobre a dimensão socioambiental dos estudantes com deficiência auditiva.

Deste modo, buscou-se inicialmente identificar as necessidades e as dificuldades dos estudantes surdos, quanto ao acesso às informações referentes à área socioambiental, para em seguida, planejar uma atividade de educação ambiental, a partir de uma metodologia que leve em consideração o atendimento das necessidades especiais dos estudantes surdos, tendo em vista estimulá-los a uma mobilização social e política no aprimoramento de uma sensibilização e de uma conscientização crítica e reflexiva, destes estudantes sobre a dimensão socioambiental.



Neste sentido, ao introduzirmos a educação ambiental no processo educacional, por meio da educação inclusiva, como atividade humana de produção de conhecimento social, histórica, econômica, política e cultural, visando um sentido mais amplo, em promover o bem estar da sociedade, a partir da sensibilização destes, demonstrando que o meio ambiente é de suma importância para a vida, não só apenas de um cidadão, mas de todos os seres vivos que integram o planeta Terra, para que haja uma conscientização da comunidade em geral, compreendendo que a saúde do planeta, não é apenas um bem estar individual e sim coletivo, principalmente ao retratar deste bem, como fonte de vida para milhões de espécies.

Ao nos depararmos com o espaço educacional, Silva (2000) discorre que a EA pode ser entendida como um processo educativo contínuo, permanente, dinâmico, criativo, interativo, com enfoque interdisciplinar, que permite aos seres humanos conhecer as leis que regem a natureza, compreendendo as relações e interações existentes entre eles, os seres vivos e o ambiente, reconhecendo de certo modo, os problemas ambientais globais e locais, valorizando assim os aspectos sociais, históricos, éticos e culturais do ambiente onde estão inseridos, adquirindo mediante a isto, habilidades e competências para solucionar os seus problemas e construir uma consciência ambiental, pautada na mudança de atitudes e de comportamentos, na solidariedade e no exercício da cidadania. Diante disso, fica clara a importância da escola no processo de formação, tanto social quanto ambiental dos alunos.

METODOLOGIA

Considerando a proposta de incluir os alunos surdos em atividades de sala de aula tendo em conta o viés ambiental, foi escolhida uma metodologia inspirada nos Três Momentos Pedagógicos de Delizoicov e Angotti (1990) para elaborar e executar um plano de Unidade Didática, nos componentes curriculares de ciências e geografia, tendo como tema *Aedes aegypti* – vamos combater. Este tema foi priorizado, tendo em vista o surto do mosquito e a ocorrência de inúmeros casos de dengue, *zika* e *chikungunya* no município de São Bento – PB, onde se localiza a escola considerada, além da divulgação de pesquisas, ocorrida em 2015, relacionando com o alarmante aumento do número de casos de nascimentos de bebês com microcefalia com o vírus *zika* transmitido pelo *Aedes aegypti*.

Os Três Momentos Pedagógicos propostos por Delizoicov (1990), inicialmente para o ensino de física, inspiraram este projeto, pois o mesmo favoreceu o trabalho coletivo, a partir do





surgimento de diferentes ideias e o confronto entre elas, como também, a busca de soluções para os problemas, com vistas à construção e reconstrução de saberes sistematizados por parte dos alunos. Estes aspectos importam na aprendizagem dos alunos, também os surdos, além de serem essenciais no processo de EA, pelo seu caráter interdisciplinar de formação cidadã e crítica.

O primeiro momento é a Problematização Inicial, em que o aluno está com a palavra. O professor ouve o que o aluno tem a dizer sobre o assunto, tanto na sua maneira de entender o conteúdo como na sua experiência de vida. Na atividade planejada, a princípio os estudantes deverão discutir situações relativas ao *Aedes aegypti* e as doenças por ele transmitidas que fazem parte da realidade vivencial e do universo temático dos estudantes.

A partir destas situações reais será feita a problematização do conhecimento dos estudantes, suas concepções sobre o *Aedes aegypti*, como surge em nossas casas, que doenças ele pode transmitir, o que precisa fazer para combatê-lo. Sob a coordenação do professor, os alunos surdos deverão ser igualmente instigados, usando a LIBRAS ou questões escritas no quadro branco, a participarem da discussão, de forma a perceberem que são necessários novos conhecimentos, que eles ainda não possuem, para obterem respostas para a problematização.

O segundo momento é a Organização do Conhecimento, a partir da colocação dos alunos através de atividades, em que o professor ensina um conteúdo novo à classe. Nesta etapa do roteiro pedagógico vivenciado, serão trabalhados os conteúdos necessários para a solução dos problemas levantados na problematização inicial.

Em ciências, deverá haver o estudo sistemático do conteúdo programático relativo à classificação dos insetos (*Aedes aegypti*), reprodução e condições ambientais favoráveis à sua proliferação, havendo também pesquisa na internet sobre a relação entre a *zika* e a microcefalia, o que é a microcefalia e onde ocorreu em maior índice, já que o assunto, há meses atrás, estava sendo amplamente veiculado nos meios de comunicação.

Em geografia, serão estudadas as regiões do Brasil e a localização das mesmas, agregando a elas os estados brasileiros com maior índices de ocorrência de microcefalia, utilizando a confecção de painéis com mapas contendo estas informações. O cuidado e atenção para com os alunos surdos deverá ser evidenciado na “escuta”, por meio da LIBRAS ou redação de texto, dos casos de dengue, *chikungunya* ou *zika* ocorridos com eles próprios ou com pessoas de suas famílias e vizinhos, ou mesmo, buscando conhecimento dos casos de microcefalia.

O terceiro momento é a etapa da Aplicação do Conhecimento, no qual o aluno é estimulado a aplicar este conhecimento a uma nova situação, explicando-o com suas próprias palavras, ou elaborando uma apresentação, retrabalhando o que aprenderam, apropriando-se do conhecimento adquirido.



Nesta etapa, utilizando os conceitos desenvolvidos na etapa anterior, os estudantes serão estimulados a analisar, interpretar e apresentar respostas para os problemas discutidos na problematização inicial. As produções escritas e os painéis com as regiões brasileiras e as indicações dos índices de ocorrência do mosquito, conseqüentemente das doenças por ele transmitidas, anteriormente elaborados, deverão serem expostas em um dia de exposição na própria escola, para que as outras turmas e o público em geral, para que os estudantes surdos possam fazer as comunicações de suas aprendizagens e mostrar seus trabalhos confeccionados sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado do trabalho realizado, espera-se poder verificar o sentimento de valorização pessoal demonstrado pelos alunos surdos ao exporem suas produções e conhecimentos. Além disso, este projeto possibilita, a partir da inspiração na metodologia dos Três Momentos Pedagógicos, desenvolver um trabalho interdisciplinar e contextualizado, como requer o processo de EA, visto não como uma disciplina isolada, mas na perspectiva de um movimento inerente ao processo educativo, independente do nível e modalidade de ensino ou características da clientela.

Algumas dificuldades já foram elencadas pelos alunos surdos, durante as aulas, antecipando a execução da unidade didática programada, como, por exemplo: a ausência de intérprete em todas as salas, alguns professores não sabem LIBRAS, dificuldade em expor trabalhos diante da turma porque a maioria dos colegas não sabem LIBRAS, geralmente os alunos surdos participam pouco das exposições dos trabalhos, desconhecimento ou mesmo inexistência de sinais de LIBRAS para alguns termos próprios dos temas ambientais. Contudo, há também importantes potencialidades destes mesmos alunos surdos, tais como: apresentar de forma diferenciada os trabalhos em classe, despertar a atenção dos outros alunos e aguçar neles o interesse de aprender LIBRAS, maior envolvimento dos surdos por sentirem-se participantes ativos do trabalho.

CONCLUSÕES

O fato de aprender conteúdos que envolvem o seu dia-a-dia é interessante para o estudante e, por isso, lhe desperta expectativas e interesse em aprender e mostrar que aprendeu por meio das apresentações em Mostras e Exposições.

A EA constitui uma possibilidade de estimulação das práticas sociais e mostra o papel dos professores como mediadores, promovendo a consolidação dos conhecimentos teóricos e práticos para que os alunos Surdos, não fiquem a margem desta temática, tornando-os capazes de compreender o que está à sua volta buscando a responsabilidade por saber que é parte integrante do meio, resultando em uma sociedade mais justa ambientalmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm Acesso em 03/10/2016.

CARTA DE BELGRADO – Uma estrutura global para a educação ambiental. Disponível em: http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf Acesso em: 28/09/2016.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Metodologia do ensino de ciência.** São Paulo: Cortez, 1990.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 03/10/2016.

SILVA, Monica Maria Pereira da. **Estratégias em Educação Ambiental.** 2000. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/ PRODEMA). UFPB/ UEPB. Campina Grande, 2000.